

# GÊNERO E O ESQUECIMENTO DE AUTORAS MULHERES

## GENDER AND THE FORGETFULNESS OF FEMALE AUTHORS

LAURA JUNQUEIRA DE MELLO REIS\*<sup>1</sup>

**Resumo:** No presente artigo pretendemos compreender o processo de esquecimento de escritoras brasileiras do século XVIII e XIX a partir de suas aparições em revistas e jornais publicados no século passado e as poucas citações que as autoras tiveram no nosso período atual. Optamos por algumas autoras em específico, a saber: Angela do Amaral Rangel, Barbara Heliadora, Beatriz Francisca de Assis Brandão, Delfina Benigna da Cunha e Ildelfonsa Laura César. Essa escolha se baseia no fato de que as referidas autoras foram citadas em um artigo da *Revista da Semana* e sobre elas conseguimos obter maiores informações nas fontes. Partindo dos resultados, buscamos entender esse esquecimento, em contraposição à canonicidade dos autores masculinos contemporâneos, fazendo uma análise a partir da perspectiva de gênero.

**Palavras chave:** escritoras, gênero, século XX.

**Abstract:** The present article intends to understand the process of forgetting brazilian writers of the eighteenth and nineteenth centuries from their appearances in magazines and newspapers published in the last century and the few quotations that the authors have in our current period. We chose some specific authors: Angela do Amaral Rangel, Barbara Heliadora, Beatriz Francisca de Assis Brandão, Delfina Benigna da Cunha and Ildelfonsa Laura César, for being cited in an article in *Revista da Semana* and we were able to obtain more information in the sources. Based on the results, we try to understand this forgetfulness, in opposition to the canonicity of the contemporary male authors, analyzing from the gender perspective.

**Keywords:** female writers, gender, 20th century.

---

\* Mestranda no Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Juiz de Fora, bolsista Capes.  
E-mail: laurajunqueiramreis@gmail.com.

<sup>1</sup> Artigo recebido em 28 de Abril de 2019 e aprovado para publicação em 12 de fevereiro de 2020.

## Introdução

Os atuais estudos de gênero que são voltados para as mulheres escritoras do século XVIII e XIX sofrem com a ausência de fontes e um verdadeiro esquecimento dessas autoras que viveram e escreveram no mesmo período que grandes autores do sexo masculino. Em oposição a isso, esses escritores, como Machado de Assis e José de Alencar, estão presentes em conversas, nas escolas e em provas de vestibular. Esse cenário provoca algumas questões: quais são os livros didáticos que atualmente trazem mulheres escritoras como exemplos? Quantas pessoas conhecem Ildenfonsa Laura Cesar? Delfina Benigna da Cunha? Quantas pessoas conhecem mulheres que foram fundamentais na história brasileira e na história da literatura?

Em meio a pesquisas desenvolvidas, conversas em grupos de estudos e análises de jornais e revistas, foi-nos possível ter contato com algumas dessas autoras que, no século XXI, são pouco lembradas. No entanto, ressaltamos que, apesar de encontrarmos interesses de pesquisadores em analisar e compreender a trajetória e os textos dessas escritoras, os textos dessas mulheres são pouco divulgados fora do ambiente acadêmico.

Para compreendermos esse esquecimento podemos entrar na questão, tão bem trazida pela professora Zahidé Lupinacci Muzart<sup>2</sup> e por Ana Gualberto<sup>3</sup>, concernente ao fato de mulheres escritoras não serem consideradas como cânones, observando que a razão vai para muito além da qualidade de suas escritas, mas entra em questões sociais, raciais e de gênero. As mulheres estavam, e parcialmente ainda estão, à margem da sociedade. No entanto, essa assertiva não diz respeito somente à sociedade brasileira, a exemplo das análises realizadas no livro *Nas Margens: três mulheres do século XVII*, da escritora estadunidense Natalie Zemon Davis, que, apesar de não tratar de mulheres escritoras, traz informações sobre a marginalidade que as mulheres sempre foram submetidas<sup>4</sup>; como também as observações apresentadas no livro da francesa Michelle Perrot, *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*<sup>5</sup>.

---

<sup>2</sup> MUZART, Zahidé Lupinacci. A questão do cânone. In: SCHMIDT, Rita T. (Org.) **Mulheres e literatura:** (trans)formando identidades. Porto Alegre: Palloti, 1997, p. 79-89.

<sup>3</sup> GUALBERTO, Ana C. F. Hilda Hilst e Beatriz Francisca de Assis Brandão: um diálogo sobre autoria feminina. **Revista Artémis**, Recife, v. XIX, n. 1, p.39-46, jan./jul. 2015.

<sup>4</sup> DAVIS, Natalie Zemon. **Nas Margens:** três mulheres do século XVII. São Paulo. Companhia das Letras, 1997.

<sup>5</sup> PERROT, Michelle. **Os excluídos da história:** operários, mulheres e prisioneiros. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

Para analisar e pensar essas mulheres a partir da perspectiva de gênero, baseamo-nos no clássico artigo de Joan Scott, *Gênero: uma categoria útil de análise*<sup>6</sup>. Nesse sentido, buscamos pensar a exclusão das mulheres como cânones a partir das relações de poder imbricadas nas questões de gênero. Levamos em consideração que esse é um processo institucionalizado que resultou, e ainda resulta, na dificuldade de inserção das mulheres como escritoras.

Pensando em um meio de compreender a forma que se deu os respectivos processos de esquecimento de escritoras, voltamo-nos para a análise de jornais e revistas destinadas às mulheres e com colaboração feminina. A partir disso, a pesquisa nos guiou para duas revistas que serviriam como base de busca de informações referentes às autoras que estudaremos: a *Revista da Semana* e a revista *A Faceira*. *A Faceira* circulou no Rio de Janeiro na década de 1910, enquanto a *Revista da Semana* também circulou no Rio de Janeiro, mas desde a primeira década do século XX até 1959. A escolha por esses periódicos foi resultado das buscas de informações sobre escritoras oitocentistas, visto que foram eles que nos deram maiores condições de pesquisa.

A primeira edição de *A Faceira* é de 1911. Tendo logo se intitulado uma revista feminina, *A Faceira* era uma publicação mensal, sendo que cada exemplar custava 1\$500 e tinha por volta de 38 páginas. Era escrita e dirigida tanto por homens como por mulheres, sendo a maioria do sexo masculino. Além disso, *A Faceira* prometia ser um periódico dedicado à vida elegante e chique que, apesar de parecer ser apenas do interesse do sexo feminino, seria do interesse de todos. Por fim, essa revista acrescentava que estaria sempre a par dos eventos sociais da capital do país, além de alertar as mulheres sobre a moda e apresentar figurinos e notícias teatrais, literárias e artísticas.

Em um artigo intitulado “Poetizas Brasileiras”, Carmen Unzer, colaboradora da revista *A Faceira*, buscou comprovar a grandeza da intelectualidade feminina e, para atingir seu objetivo, nomeou diversas mulheres escritoras, dividindo-as de acordo com suas respectivas províncias<sup>7</sup>. Orgulhosa, Carmem afirmou que eram essas as mulheres que provinham de “dons” literários<sup>8</sup>.

---

<sup>6</sup> SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, jul./dez. 1995.

<sup>7</sup> **A Faceira**, Rio de Janeiro, ed36, 1914.

<sup>8</sup> *Idem*.

Sendo impossível abordar cada uma das mulheres citadas por Carmen, decidimos por aquelas que estavam presentes nos artigos “Quem foi a primeira poetiza brasileira?”, do jornalista Barros Vidal, publicados na *Revista da Semana*. Compunham essa sessão, dentre outras escritoras: Angela do Amaral Rangel, Barbara Heliadora, Beatriz Francisca de Assis Brandão, Delfina Benigna da Cunha e Ildelfonsa Laura César. Portanto, dedicar-nos-emos a compreender a maneira como essas escritoras foram vistas e reconhecidas no século XX e de que forma elas foram excluídas dos cânones literários.

A *Revista da Semana* foi um periódico que circulou no Rio de Janeiro, entre 1900 a 1959. No começo de sua trajetória, cada exemplar da *Revista* continha poucas páginas, por volta de 8, mas, nos anos que nos interessam, 1939 e 1940, esse periódico já possuía outras características, sendo cada exemplar formado por aproximadamente 50 páginas, nas quais encontram-se diversos anúncios e diferentes artigos. Na primeira edição da *Revista da Semana*, datada de maio de 1900, o editor afirmou que as publicações do periódico se atentariam às modas e às literaturas e não à política; ao final, prometeu que as informações se restringiriam a notícias sobre a semana e o conteúdo da revista interessaria a toda família.

A sessão de Barros Vidal, a respeito das poetisas brasileiras, começou a ser publicada em 1939 e se estendeu por quatro edições do ano de 1940. Após as investigações que fez para que pudesse elaborar todos esses artigos, Barros lançou um livro com o nome de “Percursoras Brasileiras”, o qual localizamos a partir dos anúncios publicados no periódico fluminense *A Noite*<sup>9</sup>. O jornalista, de certo, inspirou-se nos livros *Brasileiras célebres*<sup>10</sup>, de Joaquim Norberto, *Mulheres célebres*,<sup>11</sup> de Joaquim Macedo, e *Mulheres ilustres*,<sup>12</sup> de Inez Sabino. Ademais, publicou-se que:

‘Percursoras brasileiras’ é um trabalho do sr. Barros Vidal em que se acham compreendidos pequenos estudos sobre as nossas ilustres patricias que indicaram o caminho para outras, em diversas atividades da vida cultural, científica, artística, literária e social: a primeira enfermeira, a primeira jornalista, a primeira atriz, a primeira poetisa, etc.<sup>13</sup>

<sup>9</sup> *A Noite*, Rio de Janeiro, 1945.

<sup>10</sup> NORBERTO, Joaquim. *Brasileiras célebres*. Brasília: Senado Federal, 1997, p. 233. [fac-símile: NORBERTO, Joaquim. *Brasileiras célebres*. Rio de Janeiro: Garnier, 1862].

<sup>11</sup> MACEDO, Joaquim. *Mulheres célebres*. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1878.

<sup>12</sup> SABINO, Inez. *Mulheres ilustres*. Rio de Janeiro: Garnier, 1889.

<sup>13</sup> *Careta*, Rio de Janeiro, ed1933, 14 de julho de 1945. Optamos por não atualizar a escrita dos trechos retirados das fontes consultadas.

## Angela do Amaral Rangel

Angela nasceu no Rio de Janeiro ainda no século XVIII, mais precisamente em 1725. Além de residir na Corte, Rangel possuía uma residência no interior da Província, em Angra dos Reis.<sup>14</sup> Da mesma forma que Delfina Benigna da Cunha, Angela era cega e ambas compartilharam a alcunha de “musa cega”<sup>15</sup>. Apesar da boa condição econômica de sua família, Angela teve que estudar escondida devido às restrições que existiam com relação à educação feminina durante o século XVIII – restrições essas que eram ainda mais rígidas que as presentes no século posterior. A despeito das dificuldades, Angela chegou inclusive a desenvolver, segundo o artigo de Barros Vidal, um excelente conhecimento da língua castelhana.

Barros Vidal destacou a contribuição da autora com a composição “dous romances lyricos” para o livro português *Jubilos da América*, de Gomes Freire de Andrade, editado e vendido em Lisboa, em 1754. De acordo com o dicionário Blake, essa composição foi escrita em castelhano, em 1752, para uma reunião de literários e teve o objetivo de elogiar o governador Gomes Freire de Andrade<sup>16</sup>. Surpreendendo-nos positivamente, a escrita de Vidal transparecia orgulho por essas brasileiras que escreviam em um período em que se restringia ao máximo qualquer participação pública feminina<sup>17</sup>.

Angela do Amaral Rangel foi lembrada no periódico carioca *O Jornal*, em uma sessão intitulada “Rio, a capital da mulher”, na qual é citada como uma poetisa nascida no Rio de Janeiro na época colonial<sup>18</sup>. Além disso, Rangel foi referenciada no anúncio do livro *Vozes femininas da poesia brasileira*, de Domingos Carvalho da Silva, publicado no jornal *Correio da Manhã*; esse livro também incluiu poesias de Barbara Heliadora, Beatriz Brandão e Delfina Benigna da Cunha<sup>19</sup>. A carioca também está presente no livro *Poetas da minha terra*, do carioca Alipio Mendes, em 1971<sup>20</sup>. A sessão “mulheres de ontem e hoje” do periódico *Diário de Notícias* também lembrou Angela<sup>21</sup>, assim como foi lembrada em “As mulheres na

<sup>14</sup> **O Fluminense**, Rio de Janeiro, ed2689, 06 de janeiro de 1979.

<sup>15</sup> **Fon Fon**, Rio de Janeiro, ed17, 28 de abril de 1923.

<sup>16</sup> BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. **Diccionario Bibliographico Brasileiro**. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1970.

<sup>17</sup> **A Revista da Semana**, Rio de Janeiro, 1939.

<sup>18</sup> **O Jornal**, Rio de Janeiro, ed15667, 28 de outubro de 1972.

<sup>19</sup> **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, ed20524, 21 de fevereiro de 1960.

<sup>20</sup> **O Fluminense**, Rio de Janeiro, ed24750, 21 de abril de 1984.

<sup>21</sup> **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, ed10030, 18 de julho de 1955.

literatura brasileira”, de autoria de Brito Broca, em que a escritora foi apresentada ao lado de mulheres como Beatriz Bandão, Violante de Bivar e Nísia Floresta<sup>22</sup>. No periódico *A Noite*, em um artigo que buscava recordar “modelos femininos de nobreza, virtudes cívicas e elevação espiritual”<sup>23</sup>, a autora estava ao lado de Delfina Benigna da Cunha, Violante de Bivar, dentre outras mulheres.

A revista carioca *Sino Azul* a fez uma homenagem, segundo a folha:

Nascida nas primeiras décadas do século XVIII, na capital da então colônia, descendente de ilustre família brasileira, Angela do Amaral Rangel conheceu o sofrimento muito cedo, encerrada na prisão escura da sua completa cegueira. Prisioneira de uma noite interminável, voltada sempre para dentro de si mesma, D. Angela, que se havia, por um milagre de esforço e de vontade, tornado culta, encontrou na poesia um mundo maravilhoso, sonoro e harmonioso, um mundo sem fronteiras e sem limites físicos, para onde poderia fugir livremente seu pensamento sob a forma das flores, lindas flores de sua sensibilidade e de sua emoção<sup>24</sup>.

No final da década de 1950, Jacy Rego Barros escreveu um artigo a respeito de Angela, em que colocou a escritora como uma poetisa analfabeta, visto que na época não se ensinava braille. O que realmente chamou a nossa atenção no artigo foi a crítica final que Jacy fez aos cariocas: “os cariocas, aliás, tem uma dívida a resgatar, porque a deviam ter feito vir ao planalto das evocações, tais como os bustos em praça pública e as referências constantes em mil outras formas.”<sup>25</sup>. Essa posição confirma nossa hipótese sobre o processo de esquecimento e da aparente desmemória por parte da população, que realmente tem uma dívida a saldar.

Segundo constatamos por algumas publicações em jornais, ao menos em meados da década de 60 e 70 do século passado, havia no Rio de Janeiro, no bairro de Bangu, uma rua chamada Angela do Amaral Rangel, em homenagem a poetisa nascida na cidade<sup>26</sup>. No Brasil, a nomeação de ruas como forma de consagração a personagens históricos é costumeiro, mas nos resta o questionamento: será que os moradores dessa rua sabem quem foi Angela do Amaral Rangel?

## Barbara Heliodora

<sup>22</sup> **Letras e Artes**: suplemento de A Manhã, Rio de Janeiro, ed289, 10 de maio de 1953.

<sup>23</sup> *A Noite*, Rio de Janeiro, ed4639, 23 de outubro de 1924.

<sup>24</sup> **Sino Azul**, Rio de Janeiro, ed201, 1944.

<sup>25</sup> **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, ed211, 11 de setembro de 1957.

<sup>26</sup> **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, ed23076, 03 de julho de 1968.

Barbara Heliadora Guilhermina da Silveira, mais conhecida como Barbara Heliadora, teve sua história traçada junto a Inconfidência mineira. Nascida em São João Del Rei, em 1759, Barbara era filha do Dr. José Silveira e Souza e de D. Maria Bueno, casou-se com um dos participantes da Inconfidência, Ignacio José de Alvarenga Peixoto, e, como fruto desse casamento, deu a luz à Maria Ephygenia. Muitos acreditam que após a prisão de seu marido, em 1792, Barbara enlouqueceu e nunca mais foi a mesma, vindo a falecer em 1819, na cidade mineira de São Gonçalo do Sapucaí.

Em meio a tantas e diversas “Barbaras Heliadoras”, encontramos no periódico carioca *A Noite*, em um poema que homenageava São João Del Rei, uma referência à Barbara. Lamentavelmente, assim como Marília de Dirceu se tornou conhecida como a amada de Tomás Antônio Gonzaga, Barbara apareceu no poema como “a doce esposa de Alvarenga”<sup>27</sup>. Apesar de ser apresentada algumas vezes apenas como a “esposa de Alvarenga”, a mineira, em um artigo publicado no *Jornal do Comércio*, foi caracterizada como a “heroína da inconfidência, aquela esposa enérgica que ensinou a Alvarenga Peixoto o dever de ser forte.”<sup>28</sup>. Esse artigo, ainda que coloque Barbara como esposa, ressalta que foi na mulher que Alvarenga adquiriu a força necessária para lutar na Inconfidência Mineira. Segundo o artigo de Barros Vidal, Barbara escreveu o livro “Poesias lyricas”, que nunca foi publicado<sup>29</sup>.

A mineira foi apontada no século XX de forma diferente das demais mulheres aqui analisadas. Em 1958, a escola de samba carioca Império Serrano fez o samba-enredo em homenagem a Barbara Heliadora. O samba, que levou o nome de “exaltação a Barbara Heliadora”, surpreendeu-nos em não citar o nome de Alvarenga Peixoto, tão logo enalteceu o nome da escritora<sup>30</sup>. Esse samba levou a escola a alcançar o segundo lugar na competição daquele ano.

Assim como Angela do Amaral Rangel, Barbara recebeu homenagens por meio da nomeação de ruas. O nome de Barbara Heliadora consta como nome de uma rua em Governador Valadares<sup>31</sup> e em São João Del Rei<sup>32</sup>, demonstrando um reconhecimento da autora em todo o

<sup>27</sup> **A Noite**, Rio de Janeiro, ed17483, 04 de dezembro de 1963.

<sup>28</sup> **Jornal do Comércio**, Rio de Janeiro, ed83,07 de janeiro de 1934.

<sup>29</sup> **Revista da Semana**, Rio de Janeiro, ed01, 06 de janeiro de 1940.

<sup>30</sup> IMPÉRIO SERRANO. Samba Enredo: Exaltação à Barbara Heliadora. Rio de Janeiro, 1958. Disponível em: <<https://www.ouvirmusica.com.br/imperio-serrano-rj/473134/>>. Acesso em: 8 mai. 2019.

<sup>31</sup> **O Fluminense**, Rio de Janeiro, ed2474A, 21 de abril de 1978.

<sup>32</sup> **Ponte da Cadeia**, São João Del Rei, ed19, 15 de outubro de 1967.

estado de Minas Gerais. Além de ruas, Barbara Heliodora foi homenageada por meio da denominação de escolas em Minas Gerais<sup>33</sup>. Essas condecorações nos demonstram uma tentativa de recuperação da memória dessas autoras por parte das instituições civis, mas esse esforço não atingiu, necessariamente, a população. Nesse sentido, voltamo-nos ao mesmo questionamento elaborado anteriormente: os atuais moradores e estudantes conhecem de fato essa escritora mineira?

Em São João Del Rei, durante o século XX, a história da célebre poetisa nascida na cidade estava muito presente. Em um artigo da década de 1960, podemos constatar um protesto motivado pelo aviso de demolição da casa de Barbara Heliodora, situada na praça Frei Orlando. Segundo esse artigo, a população jamais permitiria a demolição, visto que a casa da poetisa significava, e para nós ainda significa, história<sup>34</sup> e, nessa via, o jornal criticou o estado deteriorado em que se encontrava a casa de Barbara. Ao mesmo tempo em que, de acordo com algumas edições desse periódico, diversas pessoas consideravam que a referida residência deveria ser demolida, em função do crescimento, desenvolvendo e modernização da cidade. Atualmente, parte da casa se encontra aberta à visitação, a outra parte é dedicada ao funcionamento de um órgão da prefeitura, ademais a edificação ainda se encontra em péssimas condições.

Numa placa afixada na antiga residência, indica-se quem morou na casa:

Neste sobrado de meados do século XVIII, nasceu em 1759, a inconfidente e poetisa Barbara Eliodora, que casou-se com Alvarenga Peixoto. Este, além de ouvidor da Comarca do Rio das Mortes, teve seu nome envolvido no movimento da Inconfidência Mineira de 1789, sendo preso e deportado para África, onde veio a falecer. Atualmente o edifício abriga a Secretaria Municipal de Cultura e Turismo<sup>35</sup>.

Essa placa simboliza a relação de poder que resultou no esquecimento de mulheres como Barbara. Por mais que tenha sido escritora e dona da casa, a placa relembra muito mais os feitos de seu marido Alvarenga, mostrando que, apesar do crescente esforço em recordar figuras femininas, ainda há muito o que se transformar. Em uma sociedade sexista, não basta expor o nome da autora, é preciso entender a trajetória de Barbara e não restringir essa agente histórica à figura de “esposa de outrem”.

<sup>33</sup> **Ponte da Cadeia**, São João Del Rei, ed05, 09 de julho de 1967.

<sup>34</sup> **Ponte da Cadeia**, São João Del Rei, ed11, 20 de agosto de 1967.

<sup>35</sup> Fomos até o local e transcrevemos o texto pessoalmente.

### Beatriz Francisca de Assis Brandão

Outra autora presente no artigo de Barros Vidal foi Beatriz Francisca de Assis Brandão. Da mesma forma que Barbara, Beatriz também era mineira, mas nasceu na então Vila Rica, atual Ouro Preto, em 1779. Beatriz Brandão era filha de Francisco Sanches Brandão e de Izabel Feliciano Narcisa de Seixas, estudou sozinha e contra a vontade dos pais, sendo uma das primeiras mulheres a passar em concurso público para o cargo de professora, em 1830. Logo depois da aprovação, Beatriz abriu uma escola somente para meninas na vila em que residia. Casou-se, em 1813, com Alferes Vicente Batista Rodrigues Alvarenga. Sofrendo com adultérios e mentiras do marido, Beatriz conseguiu uma separação oficial em 1839, mas não vivia com o marido desde 1832. No mesmo ano de sua separação oficial, Beatriz mudou-se para o Rio de Janeiro e lá viveu até sua morte, em 1868. Enquanto residia na Corte, publicou diversas poesias e colaborou em muitos jornais, como *Marmota Fluminense* e *O Guanabara*. Em 1857, publicou seu livro “Cantos da Mocidade”, uma reunião de seus poemas<sup>36</sup>.

Beatriz Brandão apareceu frequentemente em alguns jornais e revistas do século XX, que a colocavam como uma autora fundamental a se conhecer e que, portanto, não deveria estar fora das leituras das mulheres brasileiras. Revistas, como *FonFon*, suplementos de literatura de grandes jornais, como *A Manhã*, e outros diversos periódicos traziam a figura da grande escritora Beatriz Brandão. Nas folhas do século XX, os artigos voltados para Beatriz também a recordavam como a ilustre poetisa prima de Marília de Dirceu, o amor de Tomás Antônio Gonzaga, que frequentemente era citado devido às poesias que compôs. Levando em consideração a nossa perspectiva, consideramos uma lástima que uma das grandes escritoras oitocentistas seja apenas lembrada como uma prima, além disso nos entristece perceber como Marília, que na verdade chamava-se Maria Dorotheia, ficou tão interligada a uma figura masculina; de certa maneira, Maria acabou por perder sua identidade no decorrer da história.

No *Jornal do Brasil*, no final da década de 1930, Affonso Celso colocou Beatriz ao lado de Joanna Angélica, com o objetivo de recordar mulheres que foram essenciais na formação da

---

<sup>36</sup> PEREIRA, Cláudia Gomes Dias Costa. **Contestado Fruto**: a poesia esquecida de Beatriz Brandão (1779-1868). Belo Horizonte: FALE/UFGM, 2009.

história brasileira ao longo do século XVIII e XIX<sup>37</sup>. Beatriz foi lembrada ainda em um artigo no jornal *O Paiz*, de autoria de Maria Amália de Faria. Nessa publicação, a autora versou a respeito da Academia Brasileira de Letras (ABL) e lembrou que Beatriz teve entrada negada na Academia quando a solicitaram no Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB). Dessa forma, Faria utilizou o caso de Beatriz a fim de criticar a atitude da ABL, que ainda era receosa quanto à admissão de mulheres<sup>38</sup>. Alguns jornais, como *A Manhã*, lembraram Beatriz como uma excelente escritora de peças de teatro<sup>39</sup>.

### Delfina Benigna da Cunha

Outra mulher a ser recordada nos periódicos analisados foi a gaúcha Delfina Benigna da Cunha. Nascida em São José do Norte, em 1791, Delfina sofreu com a cegueira, resultado de uma doença que a contaminou, desde os 20 meses de idade. Filha de Joaquim Fernandes da Cunha e de Maria Francisca de Paula e Cunha, Delfina viu sua vida mudar quando seu pai faleceu, em 1825. Com problemas financeiros subsequentes, Delfina da Cunha solicitou, na forma de poema, uma pensão vitalícia a D. Pedro I em função dos trabalhos que Joaquim exerceu para a Coroa e, assim, teve seu pedido atendido<sup>40</sup>.

Grande defensora da monarquia, Delfina precisou se exilar na Corte quando, em 1835, iniciou-se, no Rio Grande do Sul, a Revolução Farroupilha. Além de morar na Corte, também residiu na Província de Pernambuco, mas quando morreu, em 1857, já estava novamente vivendo no sul do país. Ficou por muito tempo lembrada como a primeira mulher a publicar um livro de poesias, o qual, intitulado *Poesias oferecidas as senhoras rio-grandenses*, foi publicado em 1834. Posteriormente, publicou outros dois livros, *Poesias oferecidas as senhoras brasileiras*, em 1838, e, em 1846, *Poesias*, dedicado à imperatriz viúva, D. Amélia de Leuchtenberg. Delfina, conforme expusemos anteriormente, era conhecida como “musa cega” e foi assim que Barros Vidal a apresentou<sup>41</sup> no artigo publicado em 1940.

<sup>37</sup> **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, ed30, 04 de fevereiro de 1934. Pág. 05

<sup>38</sup> **O Paiz**, Rio de Janeiro, ed16768, 18 de setembro de 1930.

<sup>39</sup> **A Manhã**, Rio de Janeiro, ed1239, 23 de agosto de 1945.

<sup>40</sup> SANTIN, Suzete Maria. **Delfina Benigna da Cunha**: Recuperação crítica, obra poética e fixação de texto. Porto Alegre: PUC-RS, 2011.

<sup>41</sup> **Revista da Semana**, Rio de Janeiro, ed02, 13 de janeiro de 1940.

Sobre Delfina Benigna da Cunha, os jornais do século XX a reconheciam como a primeira poetisa brasileira<sup>42</sup>. Em uma reportagem de Lygia Lemos Torres, de 1947, Delfina foi lembrada como a primeira mulher a publicar um livro de versos<sup>43</sup> e foi também identificada como a poetisa cega que, apesar de ter escrito brilhantes poesias, havia caído em um limbo de esquecimento e, diante disso, as revistas tentavam recuperar a memória da autora<sup>44</sup>. Ainda que tenha sido reconhecida como a primeira gaúcha a publicar um livro, estudos já demonstraram que na verdade esse título pertence a Maria Clemência da Silveira Sampaio, que publicou o livro *Versos Heroicos*, em 1823<sup>45</sup>. No *Correio da Manhã*, Cunha foi lembrada como a poetisa cega que recebia uma pensão de D. Pedro I em função de suas condições<sup>46</sup>. Em meados do século XX, Delfina ganhou alguns reconhecimentos em virtude do valor de suas obras, sendo, em 1954, homenageada pela Academia Brasileira de Letras<sup>47</sup>.

### Ildefonsa Laura César

Por fim, a última mulher escritora que escolhemos abordar foi Ildefonsa Laura César, que segundo o artigo de Barros Vidal:

Foi um grande espirito de uma mulher de valor. Sua vida se constituiu um protesto constante aos preconceitos sociaes, muralha intransponível em que esbarravam as almas mais avançadas naquelle tempo. Ella transpunha-se frequentemente e encarava o amor como uma força espontânea que não podia ser submetida ás exigências da sociedade<sup>48</sup>.

Podemos perceber por meio desse trecho a forma cautelosa e, de certa maneira, orgulhosa que o jornalista se referia a Ildefonsa Laura César. Vidal ainda acrescentou em seu artigo que, em 1844, Ildefonsa lançou o livro *Ensaio Poéticos*.

Se já é difícil encontrar vestígios das obras e da vida de poetisas como Beatriz Brandão, de Ildefonsa é uma tarefa quase impossível. Diferentemente de escritoras como Beatriz e Delfina, que julgamos possuírem um reconhecimento de seus escritos enquanto eram vivas –

<sup>42</sup> *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ed158, 10 de julho de 1958.

<sup>43</sup> *Jornal do Comércio*, Rio de Janeiro, ed251, 27 de julho de 1947.

<sup>44</sup> *Light*, Rio de Janeiro, ed105, outubro de 1936.

<sup>45</sup> MOREIRA, Maria Eunice. Os versos (quase) desconhecidos de Maria Clemência da Silveira Sampaio. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 41, n. 4, p. 27-40, dez. 2006.

<sup>46</sup> *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, ed19087, 17 de junho de 1955.

<sup>47</sup> *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, ed18913, 20 de novembro de 1954.

<sup>48</sup> *A Revista da Semana*, Rio de Janeiro, ed04, 27 de janeiro de 1940.

visto a presença de seus nomes em livros como *Parnaso Brasileiro*<sup>49</sup> –, Ildefonsa não foi muito conhecida em vida.

Sobre a vida pessoal da autora, sabemos que nasceu em 1794, na Província da Bahia, era filha de Antônio César Caminha, casou-se com o conselheiro José Lino Coutinho, com que teve vários filhos, dentre eles Cora César Coutinho, e que faleceu em 1873. Como possuía a habilidade da escrita, podemos supor que a família de Ildefonsa tinha uma condição financeira favorável. A respeito do casamento de Ildefonsa com José Lino Coutinho, foi afirmado em alguns jornais que eles não eram casados, mas que na realidade a escritora era amante de Coutinho e, aparentemente, não tinha medo de esconder seu amor, o que a transformou em uma escritora corajosa. Essa narrativa é abordada na *Revista do Livro*, que, sobre a história, afirma que “isso para o tempo era audaciosíssimo e o suficiente para tirar a Sr. Ildefonsa César qualquer legenda de seriedade. As poetisas que vieram depois nunca mais foram capazes de tamanho exagero”<sup>50</sup>.

Ildefonsa foi lembrada também ao lado de Violante Bivar, que foi considerada por alguns jornais do século XX como precursora do periodismo feminino no Brasil e era nascida, assim como Ildefonsa, na Província da Bahia. Affonso Costa escreveu no *Correio da Manhã* sobre ambas: “Violante de Bivar lançado as bases do periodismo no Brasil e Ildefonsa Laura César, as da poesia na Bahia. Ambas, e nos diferentes gêneros da iniciação, traduziram e divulgaram o segredo dessa arte formosa de produzir para a literatura.”<sup>51</sup>.

Em 1930, Affonso Costa resolveu reunir os escritos esquecidos de várias poetisas brasileiras em um livro chamado *Os poetas de outro sexo*, Idelfonsa está incluída nessa obra. Atualmente, localizamos apenas um exemplar de *Os poetas de outro sexo*, que se encontra à venda por 680 reais. Segundo nossa pesquisa, comprar esse exemplar seria a única forma de adquirir os poemas esquecidos de Ildefonsa, fora dos periódicos e dos exemplares de seu livro *Ensaio Poético*, que se encontra em algumas bibliotecas.

## Conclusão

---

<sup>49</sup> O *Parnaso Brasileiro* foi um livro organizado por Januário da Cunha Barbosa, em 1831, com o objetivo de reunir os melhores escritores de seu tempo, as únicas mulheres presentes são Delfina Benigna da Cunha e Beatriz Brandão.

<sup>50</sup> *Revista do livro*, Rio de Janeiro, ed06, 1957.

<sup>51</sup> *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, ed9605, 16 de maio de 1926.

Percebemos através da nossa análise que os periódicos do século XX, ao menos aqueles voltados para o público feminino e que apresentavam notícias literárias, tiveram a preocupação em mostrar para suas leitoras quem havia sido algumas das mulheres escritoras dos séculos XIX e XVIII. Nesse sentido, percebemos que o processo de esquecimento dessas autoras foi se dando aos poucos, já que a aparição dessas escritoras atualmente é praticamente nula, excluindo os textos que circulam nas academias e entre as pesquisadoras.

Qual seria o motivo para que as mulheres não estejam sendo reconhecidas como cânones literários? A pergunta ganharia uma melhor resposta se utilizasse o pronome interrogativo “Quem?”, pois acreditamos que a escolha dos cânones resulta das leituras de homens brancos acostumados a escrita de outros homens brancos, processo que se encerra no enquadramento destes como superiores. Esse “ciclo falocêntrico” é observado na colocação da historiadora Cristiane Ribeiro: “O cânone literário foi produzido e institucionalizado sob a égide do poder, um discurso falocêntrico que perpassou os séculos.”<sup>52</sup>. E, também, comprovado pela professora Edilene Batista:

No periódico em que estamos focando nossa análise, as mulheres escritoras abarcavam, em seus textos, assuntos do dia a dia, de sua vivência. Entretanto, para o discurso falocêntrico, tais temáticas não coadunavam com a universalidade literária; portanto, esses escritos eram tidos como menores, factuais, corriqueiros, sem a importância necessária para sua permanência no cânone<sup>53</sup>.

Antes de abordarmos cada escritora aqui apresentada, devemos compreender as aparições das escritas femininas na imprensa e a divulgação dos textos dessas escritoras em seus respectivos períodos de produção. Foram nos jornais que essas mulheres mais escreveram. Porém, por mais que algumas pudessem reivindicar suas posições e assumirem suas publicações diante de uma sociedade caracterizadamente patriarcal que lhes impunham o lugar social do privado, precisamos recordar que por muito tempo os escritos de autoria feminina foram vistos como inferiores aos de masculina. Preocupando-se com isso, diversas mulheres alertavam os leitores das negativas condições de seus escritos e se desculpavam por escrevem de maneira, supostamente, tão inferior às formas de escrita masculina, que, por seu turno, eram avaliadas como universais. Conforme exposto por Tedeschi:

---

<sup>52</sup>RIBEIRO, Cristiane de Paula. Cânone literário e o lugar das mulheres na literatura brasileira oitocentista. **História e Cultura**, Franca, v. 7, n. 1, p. 30-49, jan./jul. 2018.

<sup>53</sup>BATISTA, Edilene Ribeiro. Gênero, alteridade e poder na lírica de Ildefonsa Laura César. **Revista Interdisciplinar**, Sergipe, ano X, n. 23, p. 22-56, jul./dez. 2015.

Ao internalizar a naturalidade da discriminação, impostas pelas representações e discursos, torna-se difícil para a mulher romper com essa imagem de desvalorização de si mesma. Ela acaba aceitando como natural sua condição de subordinada, vendo-se através dos olhos masculinos, incorporando e retransmitindo a imagem de si mesma criada pela cultura que a discrimina<sup>54</sup>.

Percebemos que até mesmo as mulheres escritoras tinham dificuldade em reconhecer a qualidade de seus escritos, visto que estavam inseridas em uma sociedade caracterizada por um sistema que colocava – e ainda coloca – os homens brancos em uma condição de poder.

Sobre as autoras, apesar de encontrarmos alguns trabalhos de teor analítico em programas de pós-graduação de letras, consideramos imprescindível analisarmos essas autoras a partir da perspectiva histórica. A análise histórica nos possibilita problematizar o motivo desse esquecimento e o não enquadramento dessas mulheres nos cânones. Para aquelas que tiveram certo reconhecimento em seus tempos, como Beatriz Brandão e Delfina da Cunha, é evidente que houve um processo de esquecimento que as acompanhou pelos séculos posteriores. Portanto, questionamos qual o motivo desse processo. Assim, observamos que às mulheres não caberiam estar no mesmo lugar que escritores como Machado de Assis e José de Alencar, uma vez que, por exemplo, as mulheres ocupavam lugares como “outras” e de não pertencimento, o que pode ser evidenciado a partir das entradas negadas a mulheres, por um período, em associações como o IHGB e a ABL<sup>55</sup>. Assim, percebemos que mesmo mulheres como Beatriz e Delfina, que escreviam sobre temas e em gêneros que lhes era permitido (escritos românticos) e, por isso, foram reconhecidas no século XIX, nos anos subsequentes foram perdendo lugar social e reconhecimento.

Às outras mulheres – que ousavam escrever textos além de poesias românticas, como foi o caso de Idelfonsa Laura – não caberia nem mesmo um reconhecimento como escritora no século XIX. Além disso, o raro aparecimento dessas mulheres na imprensa oitocentista inviabiliza ainda mais uma pesquisa a respeito de suas trajetórias e de seus textos. Dessa forma, algumas mulheres foram sendo esquecidas, enquanto escritores homens permaneceram presentes em diversos periódicos e livros.

---

<sup>54</sup>TEDESCHI, Losandro Antonio. O desafio da escrita feminina na história das mulheres. **Raído**, Dourados, v. 10, n. 21, p. 153-164, jan./jun, 2016.

<sup>55</sup> Sobre essa exclusão das mulheres na ABL, Cf: SOUSA, Beatriz Alves de.; PEDRO, Joana Maria. Trajetória das mulheres brasileiras na carreira das letras: ensaio bibliográfico a partir de autores contemporâneos. **Caderno Espaço Feminino**, Uberlândia, v. 25, n. 1, p. 79-95, jan./jun. 2012.

Ademais, observamos que Angela e Barbara passaram por processos diferentes, principalmente por estarem atreladas ao século XVIII. O século XIX permitiu mais acesso às mulheres enquanto escritoras, em relação ao século anterior, dado o desenvolvimento da imprensa no Brasil em decorrência da vinda da família Real e da lei que permitiu, a partir de 1822, a liberdade de imprensa. Nesse sentido, as mulheres do século XVIII encontraram ainda mais um “não-lugar” e não reconhecimento enquanto autoras, já que não tiveram seus escritos publicados na imprensa, o que dificultou ainda mais as perpetuações desses textos.

Devemos também constatar que as escritoras analisadas eram mulheres que usufruíam do privilégio branco e possuíam certa condição econômica que lhes permitia a sabedoria da escrita e leitura ou, ao menos, como no caso de Delfina e Angela, que eram cegas, o conhecimento da arte de poetizar. O que nos leva a questionar: quantos registros orais de escravas poetisas se perderam? Quantos de escritos de mulheres negras estão ainda por aparecer? Se levarmos em consideração a perspectiva de Woolf, em sua obra *Um teto todo seu*, as mulheres negras e trabalhadoras eram excluídas da condição de escritoras, já que não usufruíam de tempo, de dinheiro e do silêncio, proporcionado por um “teto todo seu”, para escreverem, prerrogativas necessárias para uma boa escrita<sup>56</sup>. Nesse sentido, em um artigo de Sandra Job, a referência à exclusão das mulheres negras e pobres foi mais bem explorada, principalmente quando a autora ressaltou a necessidade de quebrar preconceitos para resgatar as escritoras e os escritores negros<sup>57</sup>. Portanto, a premissa do gênero, raça e classe é fundamental na investigação historiográfica, uma vez que nos possibilita entender algumas restrições atreladas às condições das mulheres<sup>58</sup>.

Nessa via, concluímos que a exclusão dos cânones e o processo de esquecimento dessas mulheres escritoras estão diretamente ligados às relações de poder perpetuadas em uma sociedade patriarcal. Além disso, estão ainda mais excluídas as mulheres que não se encaixavam no estereótipo branco e que não faziam usufruto da ociosidade no desenvolvimento da habilidade escrita.

Por fim, corroboramos com Eduardo Saraiva, que destaca que “aos historiadores que escrevem a história da literatura é necessário fazer pesquisas no sentido de trazer ao público as

---

<sup>56</sup> WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

<sup>57</sup> JOB, Sandra Maria. Cânone, feminismo, literatura: relações e implicações. *Revista Falas Breves*, Marajó, v. 2, n. 2, p. 59-71, fev. 2015.

<sup>58</sup> DAVIS, Ângela. *Mulheres, Raça e Classe*. São Paulo: Boitempo, 2016

mulheres escritoras, e, com isso, começar um movimento de (re)pensar esse cânone tão esgotado e carente de renovação”<sup>59</sup>. Acreditamos que ao resgatarmos a história de Angela do Amaral Rangel, Barbara Heliodora, Beatriz Francisca de Assis Brandão, Delfina Benigna da Cunha e Ildelfonsa Laura César e de suas obras, estamos auxiliando na recuperação de uma parte fundamental da literatura brasileira, o que pode, inclusive, incentivar mais mulheres a lerem e a escreverem no Brasil do século XXI.

### Referências bibliográficas

Fontes - Periódicos e revistas utilizados:

- A Faceira. Rio de Janeiro: 1911.  
 A Manhã. Rio de Janeiro: de 1945 a 1953.  
 A Noite. Rio de Janeiro: de 1924 a 1963.  
 A Revista da Semana. Rio de Janeiro: 1939 a 1940.  
 Careta. Rio de Janeiro: 1945.  
 Correio da Manhã. Rio de Janeiro: de 1930 a 1968.  
 Correio Paulistano. São Paulo: 1953.  
 Diário de Notícias. Rio de Janeiro: de 1952 a 1955.  
 Diário da Manhã. Espírito Santo.  
 Fon Fon. Rio de Janeiro: 1923.  
 Jornal do Brasil. Rio de Janeiro: de 1934 a 1958.  
 Jornal do Comércio. Rio de Janeiro: de 1930 a 1953.  
 Letras da Província: Limeira: 1981.  
 Light: Rio de Janeiro: 1936.  
 O Dia. Curitiba: Empresa editora, 1924.  
 O Paíz. Rio de Janeiro: 1930.  
 Ponte da Cadeia. São João del Rei: 1967 a 1968.  
 Revista do Livro. Rio de Janeiro: 1957.  
 Sino Azul. Rio de Janeiro: 1944.  
 Vida Moderna. São Paulo: 1923.

### Teses, artigos e livros

- ALENCAR, José de. Senhora. In ALENCAR, José de. **Obra Completa**. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar, 1959a, vol. I.
- ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. Volume 1. Nova Aguilar: Rio de Janeiro, 1994

---

<sup>59</sup> SARAIVA, Eduardo de Souza. A posição da escrita feminina no cânone literário brasileiro: analisando Uma história da poesia brasileira, de Alexei Bueno. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, Bahia, v. 3, n. 1, p. 81-95, 2017.

- PEREIRA, Cláudia Gomes Dias Costa. **Contestado Fruto: a poesia esquecida de Beatriz Brandão (1779-1868)**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2009.
- BATISTA, Edilene Ribeiro. Gênero, alteridade e poder na lírica de Ildefonsa Laura César. **Revista Interdisciplinar**, Sergipe, Ano X, n.23, p. 22-56, jul./dez. 2015.
- BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. **Diccionario Bibliographico Brasileiro**. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1970.
- BRANDÃO, Beatriz Francisca de Assis. **Cantos da Mocidade**. Rio de Janeiro: Tip. Dous de Dezembro, 1856, vol.1.
- CUNHA, Delfina Beninga. **Poesias oferecidas às senhoras rio grandenses**. Porto Alegre: Tip. Fonseca e Companhia, 1834.
- DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- DAVIS, Natalie Zemon. **Nas Margens: três mulheres do século XVII**. São Paulo. Companhia das Letras, 1997 (A).
- DUARTE, Constância Lima. Arquivos de mulheres e mulheres anarquivadas: histórias de uma história mal contada. **Gênero**, Niterói, v. 9, p. 11-18, 2009.
- GUALBERTO, Ana C. F. Hilda Hilst e Beatriz Francisca de Assis Brandão: um diálogo sobre autoria feminina. **Revista Artémis**. Recife, vol. XIX, n.01, p. 39-46. Jan./julho. 2015.
- JOB, Sandra Maria. Cânone, feminismo, literatura: relações e implicações. **Revista eletrônica Falas Breves**, Breves-PA, v. 2, n. 2, p. 59-71, fev. 2015.
- MACEDO, Joaquim. **Mulheres célebres**. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1878.
- MOREIRA, Maria Eunice. Os versos (quase) desconhecidos de Maria Clemência da Silveira Sampaio. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 41, n° 4, p. 27-40, dez. 2006.
- MUZART, Zahidé Lupinacci. A questão do cânone. In: SCHMIDT, Rita T. (org) **Mulheres e literatura: (trans)formando identidades**. Porto Alegre: Palloti, 1997.
- NORBERTO, Joaquim. **Brasileiras célebres**. Brasília: Senado Federal, 1997, 233p. / fac-símile de: Rio de Janeiro: Garnier, 1862.
- PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- RIBEIRO, Cristiane de Paula. Cânone literário e o lugar das mulheres na literatura brasileira oitocentista. **História e Cultura**, Franca, v. 7, n. 1, p. 30-49, jan/jul. 2018.
- SABINO, Inez. **Mulheres ilustres**. Rio de Janeiro: Garnier, 1889.
- SANTIN, Suzete Maria. **Delfina Beninga da Cunha: Recuperação crítica, obra poética e fixação de texto**. Porto Alegre: PUC –RS, 2011.
- SARAIVA, Eduardo de Souza. A posição da escrita feminina no cânone literário brasileiro: analisando Uma história da poesia brasileira, de Alexei Bueno. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, Bahia, v. 3, n. 1, p. 81-95. 2017.
- SCOTT, Joan Wallach. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, n 2, jul/dez. 1995.

SOUSA, Beatriz Alves de. e PEDRO, Joana Maria. Trajetória das mulheres brasileiras na carreira das letras: ensaio bibliográfico a partir de autores contemporâneos. **Caderno Espaço Feminino** - Uberlândia-MG - v. 25, n. 1, p.79-95, Jan./Jun. 2012.

TEDESCHI, Losandro Antonio. O desafio da escrita feminina na história das mulheres. **Raído**. Dourados, MS, v.10, n21, p.153-164, jan/jun. 2016.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: contexto. 2009.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu**. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.